

Sobre alguns modalizadores de frase epistémicos e evidenciais

Rui Marques

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa¹

Abstract

This paper analyses the semantics of six modal operators of Portuguese. I will argue against the traditional assumption that such operators are meant to express the degree of belief on the part of the speaker, by underlining several problems posed by this assumption. I will contend that the main function of the modal operators under analysis is to indicate the kind and amount of information on which the assertion of the proposition is based. This proposal is shown to avoid the problems of the degree-of-belief hypothesis.

Keywords: Modal operators, epistemic modality, evidentiality, modal base, sentence adverbs

Palavras-chave: operadores modais, modalidade epistémica, evidencialidade, base modal, advérbios de frase

1. Introdução

Embora entre diferentes autores possa existir alguma variação no que respeita à acepção do termo “modalidade” e aos tipos de modalidade existentes, é consensual que palavras como *possivelmente* ou *certamente* são operadores modais associados à modalidade epistémica (como observado, por exemplo, em Oliveira (1993)). É sobre algumas palavras desse tipo que este artigo se debruça. O objectivo é tentar perceber o que, de um ponto de vista semântico, unifica e distingue entre si as seguintes seis expressões do português²:

- (1) *eventualmente; possivelmente; certamente; presumivelmente; supostamente; alegadamente*

Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 398-415, ISBN 978-989-97440-1-1.

¹ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no âmbito do projecto «PEst-OE/LIN/UI0214/2011».

² Ao longo do texto, usarei a designação tradicional “advérbios de frase” na referência a estas palavras.

Trata-se de operadores modais que expressam incerteza³, isto é, operadores que têm uma proposição no seu escopo e indicam algum grau de incerteza de que essa proposição seja verdadeira. De facto, como observado por diversos autores (cf., e.g., Simon-Vandenberg & Aijmer (2007)), mesmo no que respeita a operadores como *certamente*, que se pode pensar expressarem um valor de certeza, a sua presença indica algum grau de dúvida (ou incerteza). Assim, a frase (2a) expressa uma crença mais fraca do que a frase (2b):

- (2) a. Vai certamente chover.
b. Vai chover.

A lista de palavras indicada em (1) contempla apenas alguns destes operadores modais. Isto é, há vários advérbios de frase (além de sintagmas preposicionais como *com certeza*, *por certo* e outros) que expressam igualmente incerteza e não são indicados em (1). Há fundamentalmente duas razões para, neste trabalho, se ter em conta apenas os seis operadores em (1). A primeira é que alguns advérbios de frase de valor epistémico envolvem no seu significado parâmetros que não parecem ser relevantes na descrição do significado das expressões em (1). É o caso de advérbios como os seguintes:

- (3) *obviamente; evidentemente; naturalmente; ...*

Estes operadores modais distinguem-se dos de (1) em pelo menos dois aspectos. Em primeiro lugar, indicam a crença absoluta na verdade da proposição que têm no seu escopo, enquanto os operadores de (1) expressam algum grau de incerteza. Em segundo lugar, como observado por Barbaresi (1987)⁴, *apud* Simon-Vandenberg & Aijmer (2007), os operadores em (3) indicam que a crença na verdade da proposição sob seu escopo resulta de um processo de inferência, igualmente passível de ser processado pelo interlocutor. Por outras palavras, advérbios de frase como os de (3) indicam que a verdade da proposição relevante decorre de informação que se assume ser conhecida também pelo interlocutor⁵. Pelo contrário, os advérbios de (1) não fazem apelo a um processo inferencial passível de ser computado também pelo interlocutor. A segunda razão para que este trabalho se centre apenas nos advérbios de (1) prende-se com o facto de, como acima foi dito, se pretender compreender as diferenças de significado entre os vários operadores considerados, pelo que é vantajoso considerar um número limitado de

³ *Eventualmente* pode ter um outro sentido, em que é equivalente a *ocasionalmente*. Neste trabalho, não terei em conta essa aceção da palavra, antes considerarei apenas o seu sentido modal.

⁴ A autora usa os termos ‘epistemic modifiers’ para operadores como *certainly* e ‘inferability indicators’ para operadores como *obviously*.

⁵ É fácil imaginar contextos em que é adequado usar um advérbio como *naturalmente* ou *obviamente* sem que a informação que sustenta a dedução seja previamente conhecida do interlocutor. Porém, nesses casos, parece existir um processo de acomodação da informação. Dito de outro modo, este tipo de advérbios de frase desencadeia uma pressuposição, correspondente à informação que permite deduzir a proposição que o advérbio tem no seu escopo.

expressões (sem prejuízo de trabalhos posteriores virem a incluir outros operadores semelhantes). Em suma, mesmo que existam outros operadores modais em português cujo significado seja semelhante aos que aqui são considerados, parece-me defensável considerar que há algumas particularidades que distinguem o subgrupo aqui vai ser analisado.

2. A classificação de advérbios de frase na gramática de Huddleston & Pullum (2002) e na gramática de Bosque & Demonte (1999)

Apresentam-se nesta secção as classificações propostas na gramática do inglês de Huddleston & Pullum (2002) e na gramática do espanhol de Bosque & Demonte (1999), classificações estas que resumem o que tradicionalmente se considera a respeito dos operadores tidos em conta neste trabalho e indicados em (1).

2.1. A classificação de advérbios de frase na gramática de Huddleston & Pullum (2002)

Na gramática de Huddleston & Pullum (2002), é apresentada a classificação das expressões que designam por “clause-oriented adjuncts”, indicada na tabela I:

clause-oriented adjuncts		
i.	Domain	<i>Politically, the country is always turbulent.</i>
ii.	Modality	<i>This is <u>necessarily</u> rather rare.</i>
iii.	Evaluation	<i><u>Fortunately</u>, this did not happen.</i>
iv.	Speech act-related	<i><u>Frankly</u>, I'm just not interested.</i>
v.	Connective	<i><u>Moreover</u>, he didn't even apologise.</i>

Tabela I – “Clause-oriented adjuncts” em Huddleston & Pullum (2002)

Os autores consideram a existência de cinco classes de advérbios de frase, entre as quais a dos advérbios associados à expressão da modalidade (classe ii, na tabela I). Esta classe é subdividida em quatro grupos, com base em «[different] levels of strength, according to the speaker's commitment to the truth of the proposition, or to the actualization of the situation, expressed by their complement» (Huddleston & Pullum (2002), p. 768).

strong items	<i>assuredly</i>	<i>certainly</i>	<i>clearly</i>	<i>definitely</i>	<i>incontestably</i>
	<i>indubitably</i>	<i>ineluctably</i>	<i>inescapably</i>	<i>manifestly</i>	<i>necessarily</i>
	<i>obviously</i>	<i>patently</i>	<i>plainly</i>	<i>surely</i>	<i>truly</i>
	<i>unarguably</i>	<i>unavoidably</i>	<i>undeniably</i>	<i>undoubtedly</i>	<i>unquestionably</i>
quasi-strong	<i>apparently</i>	<i>doubtless</i>	<i>evidently</i>	<i>presumably</i>	<i>seemingly</i>
medium	<i>arguably</i>	<i>likely</i>	<i>probably</i>		
Weak	<i>conceivably</i>	<i>maybe</i>	<i>perhaps</i>	<i>possibly</i>	

Tabela II – Classes de “clause-oriented modal adjuncts” em Huddleston & Pullum (2002)

Embora não seja contemplado na Tabela II, o advérbio correspondente a *alegadamente* é tratado nesta gramática a par dos advérbios modais, sendo dada a indicação de que não é considerado na tabela pelo facto de não indicar qualquer compromisso da parte do enunciador com a verdade da proposição:

«[allegedly] absolves the speaker from responsibility for the residual proposition. This one has the status of an allegation, and the speaker can't say whether it is true.» (Huddleston & Pullum (2002), pp. 768-769)

Como se pode observar, a classificação proposta por Huddleston & Pullum (2002) é baseada no grau de compromisso do enunciador com a verdade da proposição. A escala tem, num dos extremos, a ausência de compromisso – expressa por *allegedly* – e, no outro, a expressão de um compromisso (quase) absoluto – expresso pelos ‘strong items’.

2.2. A classificação de advérbios de frase na gramática de Bosque & Demonte (1999)

Na gramática do espanhol de Bosque & Demonte (1999), é apresentada a seguinte classificação de advérbios de frase:

i.	Adverbios de frecuencia	(e.g., <i>habitualmente, mensualmente</i>)
ii.	Adverbios nocionales	(e.g., <i>politicamente; políticamente, Canadá es un dominio británico</i>)
iii.	Adverbios evaluativos	(e.g., <i>lamentablemente, felizmente</i>)
iv.	Adverbios como tópicos	(e.g., <i>personalmente; personalmente, yo prefiero los perros</i>).
v.	Adverbios <i>del modus</i>	
	1) relacionados com modalidade	(e.g., <i>seguramente, probablemente</i>)
	2) relacionados com actos de fala	(e.g., <i>francamente</i>)
vi.	Adverbios conjuntivos	(e.g., <i>consecuentemente, además</i>)

Tabela III – Classes de advérbios de frase em Kovacci (1999)

A classe de advérbios relacionados com modalidade é subdividida em três classes:

A.	«Indicadores y reforzadores de actitud» <i>seguramente, probablemente, tal vez, posiblemente, difícilmente, quizá(s), acaso</i>
B.	«Restrictivos del valor de verdad de la aserción» <i>supuestamente, presuntamente, presumiblemente, aparentemente, virtualmente, prácticamente, verosímilmente</i>
C.	«Reforzadores del valor de verdad de la aserción» <i>indudablemente, indiscutiblemente, incuestionablemente, innegablemente, ciertamente, verdaderamente, evidentemente, obviamente</i>

Tabela IV – Classes de advérbios de frase relacionados com modalidade em Kovacci (1999)

Se bem que os termos ‘reforço’ e ‘restrição’ (do valor de verdade da asserção) possam ser pouco felizes (já que valores de verdade não são conceitos graduáveis, isto é, reforçáveis ou restringíveis), a ideia subjacente a esta classificação parece ser a de que os advérbios das classes B e C têm a função de reforçar ou mitigar um acto ilocutório. Ou seja, a classificação de advérbios de frase modais apresentada nesta gramática é baseada em dois parâmetros: a expressão de incerteza (classe A) e a restrição ou reforço da asserção (classes B e C, respectivamente).

Assim sendo, a base para esta classificação de advérbios de frase não parece ser muito diferente da que está presente em Huddleston & Pullum (2002). De facto, uma vez que a asserção de uma proposição compromete o enunciador com a aceitação de que a mesma é verdadeira, os advérbios das classes B e C terão a função de mitigar ou reforçar, respectivamente, essa aceitação e, portanto, estarão também associados à expressão da crença do enunciador na verdade da proposição, tal como os advérbios da classe A. A diferença entre os advérbios das classes B e C, por um lado, e os da classe A, por outro, reside no facto de os primeiros operarem ao nível ilocutório e os segundos num nível ‘mais interno’ (nos termos de Hengeveld, 2004).

Em suma, quer a classificação proposta pela gramática do espanhol de Bosque & Demonte (1999) quer a proposta pela gramática do inglês de Huddleston & Pullum (2002) se baseiam na assunção de que os operadores modais se distinguem entre si pelo grau de crença que veiculam. Naturalmente, esta assunção parece igualmente válida para os advérbios do português listados em (1). Tendo isso em conta, considerarei na secção seguinte uma classificação destes advérbios com base no grau de crença que veiculam.

3. Classificação baseada na expressão de graus de crença

Partindo da hipótese, que parece natural, de que os advérbios listados em (1) têm em comum a expressão de um compromisso por parte do enunciador para com a verdade da proposição e se distinguem entre si por veicularem diferentes graus de crença na proposição que modalizam, podem-se considerar três – ou eventualmente quatro – sub-classes de advérbios. Na primeira, em que se incluem as palavras *eventualmente* e *possivelmente*, expressa-se um grau de crença fraco; na segunda, constituída por *presumivelmente*, expressa-se um grau de crença comparativamente mais forte; na terceira, de que faz parte o advérbio *certamente*, expressa-se um grau de certeza ainda maior. Quanto ao advérbio *supostamente*, frases como (4) parecem indicar que expressa também um grau de crença forte:

- (4) «E é por isso que não tenho (...) a intenção de desarmar, agora que a eleição está consumada e que, supostamente, começa uma nova era.»
(*CetemPúblico*, 8039, sublinhado meu)

Quanto ao advérbio *alegadamente*, que, sendo um advérbio reportativo, não compromete o enunciador com a crença na verdade da proposição, pode discutivelmente configurar uma quarta subclasse. Expressa um grau de crença (da parte do enunciador) inferior ao expresso pelos operadores *eventualmente* e *possivelmente*, na medida em que não dá qualquer indicação sobre a crença do enunciador na verdade da proposição que modaliza.

Grau de crença do enunciador:	Operador modal:
Não expresso	<i>alegadamente</i>
Fraco	<i>eventualmente, possivelmente</i>
Médio	<i>presumivelmente</i>
Forte	<i>supostamente, certamente</i>

Tabela V – Classes de advérbios de frase com base no grau de crença

Na minha opinião, esta classificação, baseada exclusivamente no grau de crença do enunciador na verdade da proposição modalizada, não parece a mais interessante do ponto de vista linguístico. Claramente, a função do advérbio *alegadamente* não é expressar ausência de crença da parte do enunciador, mas antes indicar que este está meramente a reportar a crença de outrem, independentemente de a partilhar ou não (uma informação que *alegadamente* não veicula). Por outras palavras, se bem que o advérbio *alegadamente* tenha em comum com advérbios como *possivelmente*, *certamente* e outros a expressão de um grau de crença na proposição sob o seu escopo, distingue-se destes pelo facto de essa crença não dizer respeito ao enunciador, mas a outrem. Assim, parece mais interessante postular uma divisão entre advérbios epistémicos, associados à expressão de um grau de crença, e advérbios reportativos, como indicado na tabela VI:

Advérbios Epistémicos	Fracos	<i>eventualmente, possivelmente</i>
	Médios	<i>presumivelmente</i> ⁶
	Fortes	<i>certamente, supostamente</i>
Advérbios Reportativos		<i>alegadamente</i>

Tabela VI – Advérbios epistémicos e reportativos

⁶ A força (do grau de crença) associada a advérbios como *presumivelmente* e *supostamente* pode ser objecto de discussão. A minha intuição é que *presumivelmente* indica menos segurança da parte do enunciador em atribuir um valor de verdade à proposição modalizada do que o advérbio *supostamente*. Com efeito, quer use um quer use o outro advérbio, o enunciador pode continuar o discurso indicando que acredita na verdade da proposição modalizada, como se verifica em (i), tal como o pode continuar indicando que não acredita, como se verifica em (ii):

- (i) Supostamente / presumivelmente, ao domingo a biblioteca está fechada. Não percebo porque é que queres lá ir hoje (domingo)!
- (ii) Supostamente / presumivelmente, ao domingo a biblioteca está fechada. No entanto, parece que hoje (domingo) está aberta!

Porém, de acordo com a minha intuição, ao usar o advérbio *supostamente*, em (i), o enunciador indica que acredita que a biblioteca está fechada ao domingo e em (ii) indica que não acredita nessa proposição, ao passo que, ao usar *presumivelmente*, o enunciador indica menos certeza de que a proposição modalizada seja verdadeira, em (i), ou falsa, em (ii).

À primeira vista, esta classificação, que espelha a divisão entre modalidade epistémica e evidencialidade, parece razoável. No entanto, podem-se-lhe apontar vários problemas.

O primeiro, que é de relevância discutível, diz respeito ao número de subclasses de advérbios epistémicos. Parece evidente que quer o advérbio *eventualmente* quer o advérbio *possivelmente* expressam um grau de crença fraco. No entanto, o contraste entre (5a) e (5b) sugere que *possivelmente* expressa um grau de crença mais forte do que *eventualmente*. De facto, quer a frase (5a) quer a frase (5b) indicam que talvez o Roteiro seja autonomizado, mas (5b) indica que essa autonomização é uma possibilidade mais remota (comparativamente a (5a)):

- (5) a. «O jornal fica mais arrumado e possivelmente o Roteiro irá ser autonomizado para que as pessoas o possam guardar durante a semana.»
(*CetemPúblico*, 11997, meu sublinhado)
- b. O jornal fica mais arrumado e eventualmente o Roteiro irá ser autonomizado para que as pessoas o possam guardar durante a semana.

Além disso, o advérbio *possivelmente* pode ser associado a palavras como *muito*, passando a expressar-se um grau de crença mais forte, não sendo possível reforçar o grau de crença expresso por *eventualmente*, como mostra o contraste entre (6a) e (6b):

- (6) a. Muito possivelmente, o contrato vai ser assinado na próxima semana.
b. *Muito eventualmente, ...

Ainda assim, não é inquestionável que o advérbio *eventualmente* expresse um grau de crença mais fraco do que *possivelmente*. Em casos como (7a) e (7b), não parece evidente que uma das frases expresse uma crença mais forte do que a outra:

- (7) a. Possivelmente, a Ana até já está em casa.
b. Eventualmente, a Ana até já está em casa.

O segundo problema para a classificação proposta diz respeito à divisão entre advérbios epistémicos e reportativos. A questão é que, se, por um lado, *alegadamente* é reportativo e *eventualmente*, *possivelmente* e *certamente* são epistémicos (i.e., indicam um grau de crença da parte do enunciador na verdade da proposição que modalizam), por outro lado, os advérbios *supostamente* e *presumivelmente* podem ter ambas as leituras, a de advérbio reportativo ou a de advérbio epistémico. É o que mostram os seguintes dados:

- (8) a. «Afim de contas, o dia dos namorados é supostamente uma data especial.»
(*CetemPúblico*, 29604, sublinhado meu)

- b. «Antes, próximo de Coimbra, a GNR deteve três jovens que supostamente molestaram sexualmente diversas jovens.»
(*CetemPúblico*, 152910, sublinhado meu)
- (9) a. «Ao contrário de Lula, o ministro sabia, presumivelmente, que a ofensa seria publicada.»
(*CetemPúblico*, 646487, sublinhado meu)
- b. «Segundo a polícia os dois indivíduos encontravam-se no interior onde, presumivelmente, se preparavam para furtar.»
(*CetemPúblico*, 724458, sublinhado meu)

As frases (8a) e (9a) dão a informação de que o enunciador acredita, até certo ponto, na verdade da proposição modalizada, pelo que, com base nessas frases, os advérbios *supostamente* e *presumivelmente* podem ser classificados como epistémicos, expressando um grau de crença do enunciador. No entanto, em (8b) e em (9b), os mesmos operadores podiam ser substituídos por *alegadamente*, sem aparente alteração do significado, pelo que, com base nessas frases, *supostamente* e *presumivelmente* podem ser classificados como advérbios reportativos. Além disso, em casos como (10), abaixo, não é fácil determinar se o advérbio tem um sentido (preferencialmente) reportativo ou epistémico, isto é, se o enunciador está a expressar um grau de crença próprio ou a reportar as crenças de outrem:

- (10) «Os quatro camiões (...) deixaram ontem o porto de Setúbal, presumivelmente com destino ao país vizinho.»
(*CetemPúblico*, 223939, sublinhado meu)

O terceiro problema para a classificação da tabela VI resulta da possibilidade de os advérbios epistémicos coocorrerem com outros operadores de modalidade epistémica. Se a função destes advérbios é a de indicarem um grau de crença do enunciador na verdade proposição modalizada, seria de esperar que fosse impossível um advérbio de crença fraca, como *possivelmente*, coocorrer com um outro operador modal (e.g. um verbo modal) que expresse crença forte na mesma proposição ou um advérbio de crença forte, como *certamente*, coocorrer com um operador modal de crença fraca. No entanto, o *corpus CetemPúblico* contém atestações das quatro combinações possíveis de advérbios epistémicos e verbos modais:

Advérbio epistémico forte + verbo modal forte:

- (11) «Os verdadeiros factores de virulência do vírus dos macacos devem certamente residir numa região do património genético do SIV ainda por descobrir, escrevem os cientistas na Science.»
(*CetemPúblico*, 861668, sublinhado meu)

Advérbio epistémico fraco + verbo modal fraco:

- (12) a. «Assim, num primeiro passo para uma discussão que desde já se adivinha longa, será criada uma entidade jurídica, que possivelmente poderá basear-se numa sociedade anónima com fins lucrativos, que, acompanhada por um organismo de controlo, irá representar os produtores dos ovos moles de Aveiro em todo o país.» (CetemPúblico, 231873, sublinhado meu)⁷
- b. «A direcção do parque reconhece também a existência de três zonas de lixeiras de curtumes abandonadas na freguesia de Pedrógão, onde eventualmente poderá haver um despejo pontual, e outras duas na zona do Vale das Serras do Meio e junto à Boca do Carreiro (estas fora do parque), que estão efectivamente activas.» (CetemPúblico, 597758, sublinhado meu)

Advérbio epistémico forte + verbo modal fraco:

- (13) «Carneiro de Almeida, pelo lugar que ocupa de tamanha proximidade ao poder, poderá certamente pôr em prática uma verdadeira campanha de evangelização junto não só do secretário de Estado, como de todos os seus colegas do Palácio da Ajuda.» (CetemPúblico, 1360621, sublinhado meu)

Advérbio epistémico fraco + verbo modal forte:

- (14) a. «Contudo, a Al parece pouco receptiva a estas reivindicações devendo, possivelmente, adoptar a proposta da divisão do organismo em dois departamentos distintos.» (CetemPúblico, 46737, sublinhado meu)
- b. «A Guiné-Bissau, que foi a primeira das antigas colónias portuguesas a proclamar a sua independência, desde o desencadear das lutas contra o regime de Salazar (e, depois, de Marcelo Caetano), só no fim deste ano deverá ter eventualmente as suas eleições, pois que o PAIGC está a demonstrar um grande apego ao poder e não facilita muito o processo de democratização.» (CetemPúblico, 1157291, sublinhado meu)

Antes de mais, importa observar que em todos estes exemplos o verbo modal pode ter interpretação epistémica. Aliás, essa parece ser a leitura preferencial (se não mesmo a única possível) do verbo modal *dever* em (14a). Neste excerto, claramente, o enunciador está a descrever uma situação que lhe é exterior e sobre a qual não tem controlo, expressando a sua crença sobre o que irá acontecer. Noutras frases, o verbo modal pode ter leitura não epistémica, mas também pode ter a interpretação epistémica. Por exemplo, a frase (13) pode ter a leitura em que o enunciador expressa uma previsão, tendo o

⁷ Exemplos como este, que envolvem dois operadores modais de sentido (pelo menos aparentemente) equivalente são considerados por J. Peres e T. Mória (1995), que discutem o seu estatuto de gramaticalidade marginal.

verbo modal *poder* interpretação epistémica. É certo que o verbo *pode*, na mesma frase, ter também uma outra leitura, não epistémica, expressando a frase a informação de que Carneiro de Almeida poderá ter condições que lhe permitam pôr em prática a referida campanha de evangelização. Nesta leitura, o verbo modal estará associado à modalidade externa ao participante, na classificação de van der Auwera & Plungian (1998) e de Oliveira (2003). O mesmo se pode dizer, *mutatis mutandis*, a respeito de (14b). O verbo modal *dever* pode ter leitura não epistémica (que pode ser de modalidade externa ao participante, se a interpretação for a de que só no final do ano estarão reunidas as condições que permitam o processo eleitoral, ou de modalidade deontica, se a realização de eleições no final do ano decorrer de alguma norma legal), mas também pode ter leitura epistémica, expressando a frase uma previsão da parte do enunciador sobre quando terão lugar as eleições na Guiné-Bissau.

Também no que respeita aos exemplos (11) e (12), o verbo modal pode ter leitura epistémica. Casos como estes, em que um verbo modal forte coocorre com um advérbio como *certamente* ou em que um verbo modal fraco coocorre com um advérbio como *possivelmente*, podem ser vistos como casos de harmonia modal, como proposto, por exemplo, por Oliveira (1993) e Huddleston & Pullum (2002). Seriam, portanto, casos em que o advérbio modal, expressando o mesmo grau de crença que o verbo modal com que coocorre, é dispensável, já que não traz qualquer informação nova.

No entanto, dados como os de (13) e (14) são problemáticos para a hipótese de que advérbios como *certamente* ou *possivelmente* expressam um grau de crença da parte do enunciador na proposição que modalizam. De acordo com essa hipótese, seria de esperar que esses advérbios não pudessem coocorrer com um verbo modal com que não fossem harmónicos, ou que, em exemplos como (13) e (14), o verbo modal não pudesse ter a interpretação epistémica. Por outras palavras, o facto de, em (13), o verbo modal *poder* coocorrer com o advérbio *certamente* e poder ter a leitura epistémica é problemático para a hipótese de que este advérbio expressa um grau de crença forte, tal como o é o facto de, em (14), o verbo modal *dever* coocorrer com os advérbios eventualmente ou possivelmente e poder ter a leitura epistémica. Isto porque, se *certamente* expressa uma crença forte, em (13), veicula-se, relativamente à mesma proposição, uma crença forte, via advérbio, e uma (incompatível) crença fraca, via verbo modal *poder*; igualmente, se *eventualmente* e *possivelmente* expressam uma crença fraca, em (14a) e (14b), veicula-se, relativamente à mesma proposição, uma crença fraca, via advérbios epistémicos, e uma (incompatível) crença forte, via verbo modal *dever*,

Em suma, a hipótese de que os advérbios *eventualmente*, *possivelmente* e *certamente* têm a função principal de expressar um grau de crença do enunciador na verdade da proposição que modalizam leva a prever que os mesmos não possam coocorrer com outros operadores modais que expressem um grau de crença diferente. No entanto, exemplos como os de (13) e (14) não só são construções gramaticais como os verbos

modais que nelas ocorrem podem ter interpretação epistémica, não podendo esses casos ser considerados como manifestações de harmonia modal.

A conclusão que me parece razoável extrair dos factos apresentados é que advérbios como *possivelmente* ou *certamente* não são – na essência – operadores que expressam um grau de crença na verdade da proposição sobre que têm escopo.

4. A hipótese da base modal e força modal

Curiosamente, os advérbios modais *eventualmente*, *possivelmente* e *certamente*, se bem que possam coocorrer com os verbos modais *poder* e *dever*, com interpretação epistémica, não podem coocorrer com o verbo modal mais forte (cf., e.g., Oliveira (1993, 2003)), *ter de*, com interpretação epistémica. De facto, em exemplos como os que se seguem, o verbo modal *ter de* pode expressar modalidade deôntica (cf. (15a)) ou modalidade externa ao participante (cf. (15b)), mas não tem leitura epistémica:

- (15) a. eventualmente / possivelmente / certamente, a Ana tem de chegar a casa antes das 23.00h
 b. se a Ana quiser chegar a horas, eventualmente / possivelmente / certamente tem de apanhar um táxi

Observe-se que o bloqueio da leitura epistémica do verbo modal *ter de* nestas frases resulta da presença do advérbio, já que se este for omitido a interpretação epistémica do verbo modal passa a ser natural.

Isoladamente, exemplos como (15) são consentâneos com a hipótese de que os advérbios *eventualmente*, *possivelmente* e *certamente* expressam um grau de crença na proposição que modalizam: uma vez que qualquer destes advérbios expressa um grau de crença menor do que o que é expresso pelo verbo modal *ter de*, a coocorrência de um destes advérbios com o verbo modal *ter de* expressaria uma contradição no caso de o verbo *ter* leitura epistémica (assinalar-se-ia simultaneamente a certeza e a dúvida na verdade da proposição modalizada). No entanto, como se viu na secção anterior, são problemáticos para essa hipótese exemplos como (13) e (14), com os verbos modais *poder* e *dever*.

Uma descrição do valor modal dos advérbios em consideração que tenha em conta apenas o grau de crença que veiculam dificilmente poderá dar conta dos problemas apontados.

No entanto, a literatura sobre verbos modais tem acentuado a observação de que os operadores modais epistémicos expressam uma dedução que decorre de um conjunto de informação (cf., e.g., Kratzer (1991) ou Rocci (2000)) – a base modal. Simplificadamente, uma frase com o verbo modal *poder*, na interpretação epistémica, indica que a proposição modalizada é compatível com o que o enunciador sabe e o verbo modal *ter de* indica que a proposição modalizada decorre desse conhecimento. Este conhecimento

pode ser (total ou parcialmente) expresso, como nos exemplos (16a-c) ou não o ser, como em (16d):

- (16) a. O culpado é o Paulo ou a Ana. A Ana não é. Portanto, tem de ser o Paulo.
 b. Tendo em conta que a Ana está inocente, o culpado tem de ser o Paulo.
 c. Dados os indícios recolhidos, o culpado tem de ser o Paulo.
 d. O culpado tem de ser o Paulo

Partindo desta evidência, vou considerar a hipótese de que a função dos advérbios em análise não é a de expressarem o grau de crença numa proposição, mas a indicarem a base modal. Mais concretamente, a hipótese é a de que estes advérbios indicam o tipo de informação em que o enunciador se baseia para asserir a proposição e a quantidade de informação de que dispõe que seja relevante para a asserção.

No que respeita ao primeiro parâmetro – o tipo de informação em que o enunciador se baseia –, os advérbios considerados parecem distinguir-se entre si por indicarem ou que o enunciador se baseia em informação de outrem (como será o caso de *alegadamente*) ou em informação que pode ser exclusivamente sua (como será o caso de *certamente*). No entanto, penso que o sistema é um pouco mais complexo, sendo relevante separar os advérbios considerados em quatro subclasses e não apenas em duas:

A.	<i>alegadamente</i>
B.	<i>supostamente, presumivelmente</i>
C.	<i>certamente, possivelmente</i>
D.	<i>eventualmente</i>

Tabela VII – Classes de advérbios de acordo com o parâmetro ‘tipo de informação’

O advérbio da subclasse A indica que o enunciador se baseia em informação de outrem, não dando qualquer indicação sobre se o enunciador a partilha ou não.

Já os advérbios da subclasse B indicam que o enunciador se baseia em informação alheia, que partilha ou pode partilhar. Trata-se de informação que se assume pertencer ao conhecimento partilhado, como em (17a) e (17b), ou que é de outrem, mas que o enunciador pode aceitar⁸, como em (18a) e (18b):

⁸ É certo que o enunciador pode continuar o discurso com a indicação de que não acredita que a proposição modalizada com *supostamente* ou *presumivelmente* seja verdadeira. No entanto, essa informação não é dada pelo significado destas palavras (a entoação poderá desempenhar um papel na indicação da crença do enunciador). Tipicamente, se o discurso continuar com a expressão da crença do enunciador de que a proposição é falsa, espera-se que o enunciador adicione informação que o leva a sustentar a crença na falsidade da proposição e a interpretação mais natural será a de que, com base nessa nova informação, qualquer pessoa conclua também que a proposição é falsa. Ou seja, ao modalizar a frase com uma destas palavras, o enunciador dá a informação de que a atribuição de um valor de verdade à proposição carece de informação adicional, com base na qual mesmo a fonte da informação poderá chegar à mesma conclusão que o enunciador.

- (17) a. «Ao contrário de Lula, o ministro sabia, presumivelmente, que a ofensa seria publicada.» (CetemPúblico, 646487)
 b. «Afinal de contas, o dia dos namorados é supostamente uma data especial.» (CetemPúblico, 29604)
- (18) a. «Segundo a polícia os dois indivíduos encontravam-se no interior onde, presumivelmente, se preparavam para furtar.» (CetemPúblico, 724458)
 b. «Antes, próximo de Coimbra, a GNR deteve três jovens que supostamente molestaram sexualmente diversas jovens.» (CetemPúblico, 152910)

Pelo contrário, os advérbios da subclasse C indicam que o enunciador se baseia em informação que pode ser exclusivamente sua. Veja-se que o diálogo em (19) é natural, mas não o seria se, em vez do advérbio *possivelmente*, se usasse um advérbio como *presumivelmente* ou *supostamente*, que indicam que o enunciador se baseia em informação (também) alheia:

- (19) A: Possivelmente a Ana já está em casa. Já saiu há quase duas horas.
 B: Tens a certeza? Ninguém sabia que ela tinha sequer saído.

Finalmente, o advérbio *eventualmente* indica que o enunciador não tem informação que suporte que a proposição modalizada é verdadeira ou falsa e expressa uma mera hipótese. É o que mostram exemplos como os seguintes:

- (20) «Se ficar satisfeito, continuarei eventualmente nesta área.» (CetemPúblico, 560197)
- (21) «Caso a falsificação não tivesse sido descoberta, os técnicos afirmam que a peça acabaria por provocar uma avaria e, eventualmente, um acidente grave (...)» (CetemPúblico, 558070)

Nem a frase (20) nem (21) dão a informação de que o enunciador tem informação que lhe permita sustentar a crença na verdade da proposição modalizada com *eventualmente*. Em ambos os casos, é expressa a informação de que essa proposição é concebível, mas a proposição é apresentada apenas como uma hipótese. Observe-se que a substituição de *eventualmente* pelo operador *possivelmente* alteraria ligeiramente o significado: a proposição modalizada passaria a ser apresentada como descrevendo um estado de coisas que o enunciador tem alguma evidência de que se venha a verificar.

Em suma, quer ao usar *alegadamente* quer ao usar *eventualmente*, o enunciador não dá a informação de que ele próprio disponha de evidência que sustente a asserção que faz, contrariamente ao que se verifica ou pode verificar com os restantes operadores considerados. No entanto, *alegadamente* expressa a informação de que o enunciador se baseia em informação de outrem, ao contrário de *eventualmente*. Quanto a *supostamente*, *presumivelmente*, *possivelmente* e *certamente*, estes operadores dão (no caso de pos-

sivelmente e certamente) ou podem dar (no caso de *supostamente e presumivelmente*) a informação de que o enunciador dispõe de informação para sustentar a asserção. *Supostamente e presumivelmente* dão a informação de que essa informação não é exclusiva do enunciador, embora possa ser partilhada por ele, enquanto *possivelmente e certamente* dão a indicação de que essa informação pode ser pessoal.

Para além da indicação da fonte de informação em que o enunciador baseia a sua asserção, outro parâmetro relevante na descrição do significado dos operadores modais considerados diz respeito à quantidade de informação que indicam estar acessível ao enunciador. Com base nesse parâmetro, podem-se distinguir entre si os operadores modais da mesma subclasse.

Assim, *possivelmente* distingue-se de *certamente* por indicar que o enunciador dispõe de uma reduzida quantidade de informação que lhe permita sustentar a crença na proposição que asserir, enquanto *certamente* indica que o enunciador pode basear a sua crença numa quantidade de informação superior. Ainda assim, mesmo no caso de *certamente*, não se pode dizer que essa informação seja suficiente para que o enunciador possa expressar crença absoluta. Ou seja, uma frase com *certamente* expressa um grau de incerteza superior ao que é expresso pela asserção de uma frase sem qualquer modalizador, o que, de acordo com a hipótese em análise, se deve à indicação que *certamente* dá de que o enunciador tem bastante informação para sustentar a sua crença, mas não a suficiente para ter a certeza absoluta. Por seu lado, *possivelmente* indica que o enunciador dispõe de informação reduzida para basear a sua crença, o que tem como consequência a expressão de um grau de crença mais reduzido. Por outras palavras, de acordo com a hipótese em análise, operadores como *possivelmente* ou *certamente* indicam o tipo e a quantidade de informação em que o enunciador se baseia para asserir a proposição. Naturalmente, se o enunciador, ao usar *certamente*, dá a indicação de que dispõe de bastante informação que sustente a sua asserção, é normal inferir-se que tem um elevado grau de crença na proposição asserida, enquanto o uso de *possivelmente* indica que o enunciador se baseia em informação mais reduzida, pelo que o grau de crença veiculado será menor. Ou seja, quanto mais evidência existir em favor de um dado estado de coisas, mais próximo se estará da certeza de que esse estado de coisas se verifica. Ora, se *possivelmente* indica que existem menos evidências do que *certamente*, é normal que a partir de uma frase com o segundo advérbio se infira que se está mais próximo da certeza do que a partir de uma frase com *possivelmente*.

Dito de outro modo, de acordo com a hipótese em consideração, o facto de os operadores modais em consideração estarem associados à expressão de diferentes graus de crença decorre da quantidade de informação que indicam estar disponível ao enunciador, não sendo, no entanto, a função destes operadores a de indicarem directamente o grau de crença do enunciador na proposição que têm no seu escopo.

Também os operadores *presumivelmente* e *supostamente* se distinguirão entre si pelo parâmetro relativo à quantidade de informação, *presumivelmente* indicando menor

certeza de que a verdade da proposição seja sustentável do que *supostamente*. Embora a diferença de significado entre *supostamente* e *presumivelmente* seja ténue, penso que a segunda destas palavras indica que há menos informação para sustentar a crença do que a primeira. Para clarificação desta afirmação, comecemos por considerar os casos em que o enunciador se baseia em informação de uma fonte contextualmente identificada, ou seja, casos em que estes operadores têm sentido reportativo. Suponho que nesses casos, ao usar *supostamente*, o enunciador dá a indicação de que a sua fonte admite que a proposição é verdadeira e tem evidência suficiente para sustentar um grau de crença elevado (cf., e.g., (8), acima), ao passo que, ao usar *presumivelmente*, o enunciador indica ou que a fonte reportada tem menos informação que sustente a crença ou que o próprio enunciador não considera ter informação suficiente para partilhar a crença com a fonte (cf., e.g., (9), acima). Consideremos agora os casos em que *supostamente* e *presumivelmente* não têm sentido reportativo, mas apontam para o conhecimento partilhado. Penso que ao usar *supostamente*, o enunciador dá a indicação de que se tinha a certeza de que a proposição modalizada era verdadeira e a continuação do discurso pode ser feita no sentido de chamar a atenção para nova informação que leva a rever a certeza anterior ou no sentido de manter essa crença. Pelo contrário, quando usa *presumivelmente* o enunciador pode estar a indicar que nova informação leva a rever a crença anterior, sendo menos expectável uma continuação do discurso no sentido de a manter. Por outras palavras, *presumivelmente* apontará para a existência de uma menor quantidade de informação que sustente a crença do que *supostamente*.

O quadro que se segue resume a proposta apresentada nesta secção:

Fonte da informação em que o enunciador se baseia para asserir a proposição:					
Outrem	Outrem (+ Enunciador)		Enunciador		Nenhuma
<i>alegadamente</i>	<i>supostamente</i>	<i>presumivelmente</i>	<i>certamente</i>	<i>possivelmente</i>	<i>eventualmente</i>
	>			> ⁹	
Quantidade de informação de que o enunciador dispõe para asserir a proposição					

5. Sobre a coocorrência com verbos modais

Foi observado acima que os verbos modais *poder* e *dever* podem ter interpretação epistémica quando coocorrem com um dos operadores modais em análise, o mesmo não se verificando com o verbo modal *ter de*. Este facto é compatível com a análise destes operadores aqui apresentada, em conjugação com a semântica dos verbos modais, como se tentará agora mostrar.

A hipótese defendida neste trabalho é a de que os operadores modais em consideração apontam para a base modal, isto é, para a informação em se baseia a crença na pro-

⁹ *Possivelmente* indica uma menor quantidade de informação do que *certamente* e uma maior quantidade de informação do que *eventualmente*.

posição modalizada. Por seu lado, os verbos modais com interpretação epistémica indicam uma relação entre a proposição que têm no seu escopo e uma base modal. Esta relação é diferente consoante o verbo modal. Por exemplo, *poder* indica que a proposição modalizada é compatível com a base modal e *ter de* indica que a verdade da proposição modalizada decorre da base modal. Por outras palavras, para cada base modal, há um conjunto de possibilidades que são compatíveis com a mesma, o que pode ser definido como um conjunto de mundos possíveis acessíveis a partir dessa base modal (cf., por exemplo, Kratzer (1991), Portner (2009), entre outros). O verbo modal *poder* indica que a proposição sob o seu escopo se inclui no conjunto destas possibilidades (formalmente, *poder* indica que no conjunto de mundos possíveis acessíveis a partir da base modal, há pelo menos um em que a proposição sob o seu escopo se verifica); *dever* indica, simplificada, que esse conjunto de mundos possíveis inclui mais mundos em que a proposição sob o escopo de *dever* se verifica do que mundos em que não se verifica, e *ter de* indica que a proposição sob o seu escopo se verifica em todos esses mundos possíveis (isto é, a proposição introduzida por *ter de* é uma consequência da base modal). Ora, como foi observado, todos os advérbios de frase considerados indicam que a base modal tem informação que não é suficiente para se ter a certeza de que a proposição sob o seu escopo é verdadeira. Por essa razão, há incompatibilidade entre o uso de um destes operadores modais e o verbo modal *ter de* com valor epistémico: este indica que a base modal implica a verdade da proposição que introduz, mas os advérbios de frase considerados indicam que a base modal não tem informação suficiente para essa implicação.

Já os verbos modais *poder* e *dever* não indicam que o conjunto de mundos possíveis compatíveis com a base modal inclui apenas mundos em que a proposição sob o seu escopo é verdadeira. Por outras palavras, a asserção de uma frase com um destes verbos modais deixa em aberto a possibilidade de a proposição que introduzem ser falsa, o que é compatível com a coocorrência com um dos advérbios de frase considerados, que indicam que a base modal não tem informação suficiente para se ter a certeza da verdade da proposição sob o seu escopo.

6. Conclusão

A hipótese de que os advérbios de frase considerados neste trabalho envolvem essencialmente o tipo e a quantidade de informação em que o enunciador se baseia para asserir a proposição não tem os problemas que foram verificados para a hipótese de que a sua função é expressar um grau de crença do enunciador. O facto de o advérbio *possivelmente* poder expressar um grau de crença mais forte do que o advérbio *eventualmente* decorre de o primeiro indicar que o enunciador tem alguma evidência para asserir a proposição, contrariamente ao que acontece com segundo. Os problemas de classificação dos advérbios *supostamente* e *presumivelmente* que foram observados na secção 3

não surgem, porque esta hipótese não contempla uma divisão entre advérbios reportativos e advérbios epistémicos. Finalmente, a coocorrência dos advérbios em análise com outros operadores de modalidade epistémica, nomeadamente verbos modais, também não é problemática: no caso em que na mesma frase coocorrem um advérbio deste tipo e um verbo modal epistémico, o verbo expressa um grau de crença relacionado com a base modal¹⁰ e o advérbio aponta para a informação em que o enunciador se baseia para sustentar essa crença, ou seja, para a base modal; por outras palavras, embora tanto os advérbios de frase como os verbos modais possam estar associados à modalidade epistémica, não são operadores do mesmo tipo – os verbos modais expressam um raciocínio que envolve uma base modal, dando a indicação sobre qual é a relação (implicação, compatibilidade,...) entre a base modal e a proposição que introduzem, e os advérbios de frase considerados apontam para a base modal, dando indicação sobre qual é o tipo e a quantidade de informação em que o enunciador baseia a sua asserção.

Previsivelmente, as considerações que aqui foram feitas a respeito dos seis advérbios de frase considerados são extensíveis a outros operadores semelhantes (quer advérbios, como *seguramente* ou *claramente*, quer sintagmas, como *por certo* ou *com certeza*) que não foram tidos em consideração neste trabalho, embora pareça evidente que, pelo menos alguns destes, envolvem no seu significado outros parâmetros.

Referências

- Barbaresi, Lavinia Merlini (1987) “Obviously” and “certainly”: Two different functions in argumentative discourse. In Ferenc Kiefer (org.) *Modality*, 3-24. (Special issue of *Folia Linguistica* XXI 1).
- Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Hengeveld, Kees (2004) Illocution, Mood and Modality. In G. Booij, C. Lehmann and J. Mugdan (orgs.) *Morphology: An International Handbook on Inflection and Word-Formation*, Vol. 2. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Huddleston, Rodney & Geoffrey K. Pullum (2002) *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kovacci, Ofelia (1999) El adverbio. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Kratzer, Angelika (1991) Modality. In A. von Stechow & D. Wunderlich (orgs.) *Semantics*. Berlin: de Gruyter, pp. 639-650.
- Oliveira, Fátima (1993) Questões sobre modalidade em português *Cadernos de Semântica*, 15, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹⁰ i.e., no caso do verbo modal *poder*, introduz uma proposição que é (doxasticamente) compatível com a base modal, e no caso do verbo modal *dever* introduz uma proposição que decorre da base modal.

- Oliveira, Fátima (2003) Modalidade e modo. In M.^a Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.^a ed. Lisboa: Caminho.
- Peres, João Andrade & Telmo Mória (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Portner, Paul (2009) *Modality*. Oxford: Oxford University Press.
- Rocci, Andrea (2000) L'interprétation épistémique du futur en italien et en français: une analyse procédurale. *Cahiers de Linguistique française*, 22. Genève: Université de Genève, pp. 241-274.
- Simon-Vandenberg, Anne-Marie & Karin Aijmer (2007) *The Semantic Field of Modal Certainty: A Corpus-Based Study of English Adverbs*. Berlin: de Gruyter.
- van der Auwera, Johan & V. A. Plungian (1998) 'Modality's semantic map'. *Linguistic Typology* 2, pp. 79-124.